

Palavra de Vida

*«Àqueles
que vêm
a Mim,
não os
rejeitarei».*

(Jo 6,37)

Esta afirmação de Jesus faz parte de um diálogo com a multidão que, depois do milagre da abundante multiplicação dos pães, O procura e Lhe pede mais um sinal para acreditar n'Ele.

Jesus revela ser Ele próprio o sinal do amor de Deus. Mais ainda, Ele é o Filho que recebeu do Pai a missão de acolher e fazer voltar para a Sua casa todas as criaturas, em especial cada pessoa humana, criada à Sua imagem. Sim, porque o próprio Pai já tomou a iniciativa e atrai todos para Jesus¹, colocando no coração de cada um o desejo da vida em plenitude, isto é, da comunhão com Deus e

Fevereiro 2022

¹ Cf. Jo 6,44.

com todos os seus semelhantes.

Jesus, portanto, não rejeitará ninguém, por mais longe de Deus que se sinta, porque esta é a vontade do Pai: não perder ninguém.

«Àqueles que vêm a Mim, não os rejeitarei».

É mesmo uma boa notícia: Deus ama a todos imensamente, a sua ternura e a sua misericórdia são dirigidas a cada homem e a cada mulher. Ele é o Pai paciente e misericordioso que espera por todos aqueles que, movidos pela voz interior, se põem a caminho.

Muitas vezes, nós sofremos de desconfiança: por que razão é que Jesus me haveria de acolher? O que é que Ele querará de mim? Na realidade, Jesus pede-nos apenas que nos deixemos atrair por Ele, libertando o nosso coração de tudo aquilo que nos perturba, para, com confiança, aceitarmos o Seu amor gratuito.

Mas é um convite que requer também a nossa responsabilidade. De facto, se experimentarmos uma tal abundância de ternura por parte de Jesus, sentir-nos-emos também impelidos a acolhê-Lo em cada próximo²: homem ou mulher, jovem ou idoso, saudável ou doente, da nossa cultura ou não... e não rejeitaremos ninguém.

«Àqueles que vêm a Mim, não os rejeitarei».

² Cf. Mt 25, 45.

No Québec (Canadá), uma comunidade cristã que vive a Palavra dedica-se a apoiar muitas das famílias que chegam ao seu país, de variadas proveniências: França, Egito, Síria, Líbano, Congo... todos são acolhidos e ajudados, também no esforço de inserção. Isso significa responder às suas múltiplas necessidades: preencher os formulários relativos ao estatuto de refugiado ou residente, fazer a ligação com a escola dos filhos, acompanhá-los a descobrir o seu bairro. É também importante a inscrição em cursos de francês e a procura de trabalho. Guy e Micheline escrevem: «Uma família da Síria que, fugindo da guerra, tinha vindo para o Canadá, encontrou outra família que tinha acabado de chegar e ainda se encontrava muito desorientada. Através das redes sociais, ativou a rede de solidariedade e muitos amigos conseguiram arranjar o que era necessário: camas, sofás, mesas, cadeiras, utensílios de cozinha, vestuário. Livros e jogos para as crianças foram espontaneamente oferecidos por algumas crianças das nossas famílias, sensibilizadas pelos pais. Tendo recebido mais do que precisavam, ajudaram também outras famílias pobres do seu prédio. A Palavra de vida daquele mês tinha sido muito apropriada: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo!"».

«Àqueles que vêm a Mim, não os rejeitarei».

Podemos transformar em vida esta Palavra de Deus do seguinte modo: diante de cada próximo, testemunhar a proximidade do Pai, quer individualmente quer como co-

munidade.

Pode ajudar-nos esta meditação de Chiara Lubich sobre o amor de misericórdia. Este, escreve Chiara, é «o amor que faz abrir o coração e os braços aos miseráveis, [...] aos dilacerados pela vida, aos pecadores arrependidos. Um amor que sabe acolher o próximo tresmalhado, amigo, irmão ou desconhecido, e lhe perdoa infinitas vezes. [...] Um amor que não mede e não será medido. É uma caridade que floresce mais abundante, mais universal, mais concreta do que aquela que a alma possuía antes. De facto, ela sente nascer em si sentimentos semelhantes aos de Jesus, apercebe-se que lhe afloram aos lábios, para todas as pessoas que encontra, as palavras divinas: “Tenho compaixão desta gente” (cf. Mt 15,32). [...] A misericórdia é a máxima expressão da caridade, é aquela que a completa. E a caridade supera o sofrimento, porque este tem a ver apenas com a vida terrena, enquanto o amor perdura também na outra. Deus prefere a misericórdia ao sacrifício»³.

Letizia Magri

3 C. Lubich, Quando se conheceu a dor, in *Meditações*, Cidade Nova, Abrigada 2005, pp. 57-58.